

# A influência do “outro” no extremo sul do Brasil: uma análise semiótica da cidade de Pelotas através da mídia impressa em sua *Belle Époque*<sup>1</sup>

Fabiane Villela Marroni<sup>2</sup>

Universidade Católica de Pelotas

**Resumo:** Mudanças nos valores e costumes da população burguesa europeia, no final do século XIX e início do século XX, foram logo assimiladas no Brasil. Uma visão de mundo que se enunciava com marcas de um *outro*, em um período eufórico, num discurso de modernidade, de mudanças no modo de vida de uma parcela da sociedade. Ideias de progresso e civilização divulgadas pela imprensa e ancoradas em sua *Belle Époque*. Utilizando como base teórica e metodológica a teoria da semiótica discursiva, este trabalho tem como objetivo um breve estudo exploratório da mídia impressa em Pelotas a partir do final do século XIX, para entender o processo de transformação da cidade, que atingiu, também, a imprensa.

**Palavras-chave:** Semiótica Discursiva; modos de vida; mídia impressa; *Belle Époque*; Pelotas.

---

<sup>1</sup> Este artigo recupera uma discussão realizada na tese de doutorado intitulada *Pelotas (re)vista: a Belle Époque da cidade através da mídia impressa*.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras – UCPel. Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC-SP.

**Title:** The influence of the "other" in southern Brazil: a semiotic analysis of the city of Pelotas through the print media in its Belle Époque

**Abstract:** Changes in values and customs of European bourgeoisie population in the late 19th century and early 20th century were soon assimilated in Brazil. A worldview that is enunciated with marks another in a euphoric period in a speech of modernity, changes in lifestyle of society. Ideas of progress and civilization published in the press and anchored in its *Belle Époque*. This work aims at a brief exploratory study of the printed media in Pelotas from the half of the 19th century, in order to understand the process of transformation of the city, which hit also the press. As theoretical and methodological basis, we used the theory of discursive semiotics.

**Keywords:** Discursive Semiotics; ways of life; print media; *Belle Époque*; Pelotas.

A *Belle Époque* caracterizou-se como um período de mudanças sociais, políticas e culturais, tendo sua origem na França, final do século XIX, ainda iluminada pelos ideais da Revolução Francesa e pela Revolução Industrial. Um percurso em busca da civilidade num discurso de modernidade, muito em função das novas tecnologias que surgiram na época. Neste século, em que os ideais de progresso e civilidade tornaram-se possíveis, houve, segundo Le Goff, “... a melhoria, pelo menos para as elites ocidentais, do conforto, do bem estar e da segurança, mas também os progressos do liberalismo, da alfabetização, da instrução e da democracia” (2003, p.257).

Em Pelotas, cidade localizada no extremo sul do Brasil, as perspectivas em relação à modernidade também movimentaram uma parcela da sociedade da época. Guardando as devidas proporções, e com dinheiro acumulado em função do comércio do charque, a elite recriou espaços com traços que a identificavam com os grandes centros de então.

Para mostrar como a mídia impressa local foi uma das responsáveis por dar visibilidade ao *novo*, escolheu-se, como objeto de análise de

estudo, as revistas em circulação no final do século XIX e início do século XX na cidade de Pelotas, como a *Revista Popular* (1888), *A Ventarola* (1887), o *Almanach Popular Brasileiro* (1897), o *Almanack de Pelotas* (1926, 1927) e a revista *Actualidades* (1926). A escolha deu-se pela expressiva circulação de suas edições, que se constituíam em publicações preferenciais de grande número de leitores, suscetíveis às matérias e anúncios divulgados em suas páginas. Através de seus formatos, ilustrações e conteúdos, revelam o modo de vida da sociedade local em relação ao consumo, gostos, hábitos e preferências. Testemunha de anos marcados pela “efervescência cultural”, na época comuns em grandes capitais, mas incomuns em cidades do interior brasileiro, especialmente no interior gaúcho. Estes aspectos serão revistos, neste artigo, através da análise de capas, charges, notas e notícias veiculadas por esses periódicos e considerados no decorrer do trabalho. Com isso, objetiva-se compreender, através da mídia impressa selecionada, o rápido desenvolvimento da cidade, que se manteve em sintonia com o que era ditado pelos grandes centros do país e da Europa. De acordo com Le Goff,

A ideia explícita de progresso desenvolve-se entre o nascimento da imprensa no século XV e a Revolução Francesa... Ao longo deste período, com avanços e recuos, o que favorece o nascimento da ideia de progresso é, em primeiro lugar, as invenções, a começar pela imprensa, depois o nascimento da ciência moderna... (2003, p.246-247).

No Brasil, o surgimento da primeira revista é atribuída ao tipógrafo e livreiro português Manoel Antonio da Silva Serva que, em janeiro de 1812 (na capital Bahia, Salvador), lançou “As Variedades” ou “Ensaio de Literatura”<sup>3</sup>, apresentando-a como um folheto, mais com aspecto de livro do que de revista e sem nenhuma ilustração. Martins, em seu livro intitulado *Revistas em Revista*, atribui a publicação da primeira revista a Hipólito José da Costa, afirmando que a primeira “... manifestação periódica impressa voltada para o Brasil editou-se em Londres, representada pelo jornal *Correio Brasiliense, Armazém Literário* [1808-1822]” (2001, p.47). No texto, Martins esclarece que *Armazém*, de acordo

---

<sup>3</sup> A REVISTA NO BRASIL, Editora Abril, 2000, p.18.

com sua etimologia, pode ser usado como sinônimo de *Magazine* e que, portanto, tratava-se de uma revista e não de um jornal.

Ainda, conforme a mesma autora, a falta de vontade política e o peso da censura explicam o início da experiência periódica no exterior, visto que, no Brasil, havia poucos investimentos no ramo, o que também se justificava pela limitação cultural do meio, com maciça população analfabeta, e pelo desconhecimento dos prelos. Embora várias incursões no mundo dos periódicos ocorressem durante o século XIX, foi no final deste mesmo século que uma iniciativa começou a tomar vulto e a se destacar. Tendo sua primeira edição impressa em Paris, no ano de 1897, recebeu o nome “Revista Moderna”, caracterizada por Menezes como

... típica do periodismo da *Belle Époque*, vinha com fatura qualificada, recheada de informações do elegante cotidiano europeu. Seu fundador, o paulista Martinho Carlos de Arruda Botelho [1867-1916], também passara pela Faculdade de Direito, sem completar o curso, filho do oligarca Antonio Carlos de Arruda Botelho, Conde do Pinhal, reproduziu o roteiro da elite ilustrada e abonada da época, morando em Paris, onde se exercitou na vanguarda do periodismo, criando sua própria revista (citado por MARTINS, 2001, p.52).

Em Pelotas, a primeira revista de que se tem notícia é a *Revista Popular*, fundada em 1888, ainda em tempos de Império. De periodicidade semanal, tinha como “proprietário e redator” Francisco Cardona. Mantendo as mesmas características gráficas de um jornal (no formato e diagramação) e dispensando qualquer tipo de ilustração, a revista *apresentava-se* como “órgão consagrado ao útil e ao belo”, destaque central, disposto logo abaixo do seu nome.

No cabeçalho da revista são encontrados os seguintes dizeres: *TIRAGEM 1500 EXEMPLARES – distribuidos por todas as provincias – aceitamos a collaboracao de accordo com o nosso programma. No lado oposto a esta informação lê-se: PUBLICAÇÃO SEMANAL, assignatura 3\$000 por trimestre – Originaes não publicados não se devolvem.*

Dado a ineficiência de fontes bibliográficas, não se sabe ao certo o período de circulação da *Revista Popular*. O que se sabe é que no ano de 1888 ela começou a circular, com uma tiragem de 1500 exemplares. A revista de número 36 (Fig.1), aqui analisada, registra a data de 28 de outubro de 1888.

O papel utilizado pela revista, seu tamanho (mais ou menos 30 x 43 cm), os tipos gráficos que a compõem e a disposição das informações no espaço são fatores, no nível da manifestação, que levam a crer e a fazem *parecer* um jornal. Em relação ao grafismo, mais precisamente em relação ao signifiante da *Revista Popular*<sup>4</sup>, pôde-se notar que a sua superfície é dividida em três faixas horizontais e quatro faixas verticais, por sua vez subdivididas. A estrutura é, praticamente, igual a do jornal *O Pelotense* (este com uma coluna a menos), primeiro jornal de Pelotas, lançado no ano de 1851. Em sua materialidade, mais precisamente quanto à qualidade do papel, a *Revista Popular* utiliza papel de baixa gramatura, em torno de 75g/m<sup>2</sup>. Em relação à oposição áspero vs liso, – em que áspero define-se como o grau de desuniformidade da superfície do papel – pode-se dizer que o papel utilizado pela revista localiza-se no eixo do *não-áspero*.

Na *Revista Popular* observa-se um papel *encerado*, com um acabamento sem brilho e uniformidade cromática, embora as variações de cor provocadas pelo tempo. Quanto à tipologia, primeiramente verifica-se a utilização de um tipo gráfico caracterizado por um estilo de letra romana, própria da imprensa da época. Destaca-se o título *Revista Popular*, se comparado às letras que compõem o corpo do texto. O uso do *espaçamento* entre as letras no título e o tipo gráfico adotado, *estilo romano* – com a utilização de serifas horizontais grossas em vez de serifas inclinadas –, contrasta com a letra romana, em espaçamento *normal*, que forma o corpo do texto. O emprego desses tipos substituiu o estilo da escrita feita com a *pena*. Além disso, a utilização de uma coluna *larga* faz com que o texto seja lido de uma forma mais lenta. Tais combinações, estabelecidas no signifiante do jornal, conferem um sentido de

---

<sup>4</sup> As primeiras edições periódicas, configuradas em forma de jornal, começaram a circular no século XVII, mais precisamente na Inglaterra, pioneira neste tipo de publicação (MARTINS, 2001, p.38).

movimento e, ao mesmo tempo, de definição de espaço, à primeira página da *Revista Popular*. Face à deficiência técnica, a configuração gráfica estabelecia-se com o próprio *desenho da página*, em que a estruturação de colunas e os tipos gráficos utilizados faziam diferença e, portanto, construía sentido.

Esta revista, assim como os jornais, informava um pouco de tudo o que acontecia e que era de interesse público: problemas políticos do país, notícias do cotidiano da cidade, cobranças à atuação do poder municipal, charadas e poemas que, conforme abordagem anterior, caracterizam-se como espaços criados, visando à manipulação de determinados tipos de sujeitos.



**Figura 1:** *Revista Popular*, considerada a primeira revista de Pelotas, edição de 26 de fevereiro de 1898.  
(Fonte: Laboratório de Acervo Digital/Acervo Nelson Nobre Magalhães/UCPel)

A revista *mostra-se* de forma *contestadora, polêmica, combativa*. Na predominância da subjetividade, ela define sua imagem e, por consequência, a de seu público, escrevendo, como diz Landowski “discursivamente o cotidiano” (1992, p.124). É uma revista que *polemiza* e, ao mesmo tempo, evidencia preocupação com os costumes, educação e cultura. Ela é dirigida a todos os leitores, embora se identifique mais com o cidadão trabalhador, que luta pela igualdade de direitos e, por isso mesmo, não abre mão de se informar sobre o *modo de ser* e de *se comportar*, próprios dos *valores burgueses*, para reproduzi-los.

Os jornais, revistas, almanaques, folhas e folhetins, assim como os livros, tiveram grande influência na vida cotidiana dos pelotense no século XIX. De acordo com Magalhães

Em Pelotas, como em grande parte do Brasil, os nobres improvisados que estavam à testa da sociedade assumiram o tradicional desdém da aristocracia pelo dinheiro. Mas, foram incapazes de pôr, no seu lugar, o orgulho pelo nascimento e pela linhagem, já que os títulos de nobreza só eram concedidos ao portador enquanto ele vivesse. Substituíram-no, então, pela “cultura”, como única prova aceitável de nobreza, e a classe média urbana seguiu seu exemplo (1993, p.256).

Outro estilo de publicação, muito popular na segunda década do século XIX nos grandes centros do país, foram os jornais (ou folhas) ilustrados, que se caracterizavam por serem fortemente opinativos. O homem que revolucionou o gênero veio de Paris, onde estudou pintura. Chegou ao Brasil em maio de 1859, com sua pedra litográfica, passando pelo Rio de Janeiro e, em seguida, transferiu-se para São Paulo. Seu nome era *Ângelo Agostini* e demonstrava, como principal característica, um incoercível sentimento de liberdade (SODRÉ, 1966, p.234). Sua primeira publicação foi o folhetim ilustrado *Diabo Coxo*, em 1864, lançando em 1866 o jornal ilustrado *O Cabrião* (indivíduo importuno)<sup>5</sup>. Outro mestre das charges no século XIX foi o alemão *Henrique Fleuss*, fundador da revista carioca *Semana Illustrada*, lançada em 1860. O padrão da charge, no

---

<sup>5</sup> A REVISTA NO BRASIL, Editora Abril, 2000, p.78.

século em questão, era como um retrato em dois planos – corpo pequeno e cabeça grande – sem deformações caricaturais<sup>6</sup>. De acordo com Andrade, aqui tem início o *boom* do livro ilustrado. Nesta época, surgem novas “... propostas editoriais, e a imagem começa a ganhar especial relevo, significado e, até mesmo, predominância no processo de comunicação estabelecido entre obra e leitor” (2004, p.33). Para Sodré, o jornal ilustrado foi

... além disso, e principalmente, o maior documento ilustrado que qualquer período de nossa história conheceu, só comparável ao que, de outra época, deixaram Rugendas e Debret, na fase anterior ao aparecimento da imprensa ilustrada em nosso país, mas com a superioridade de uma arte participante (1966, p.250).

Com a *chegada* da litografia<sup>7</sup> em Pelotas, provavelmente trazida por *Eduardo Chapon* no final da década de 1970 do século XIX, a imprensa pelotense passou por significativas reformulações gráficas, surgindo a imprensa ilustrada. Para Walter Benjamin, com a litografia

... a técnica de reprodução atinge uma etapa essencialmente nova... as artes gráficas adquiriram um meio de ilustrar a vida cotidiana. Graças à litografia, elas começaram a situar-se no mesmo nível que a imprensa... o jornal ilustrado estava contido, virtualmente, na litografia (citado por ANDRADE, 2004, p.32).

Com o advento da litografia, a ilustração passou a fazer parte das publicações locais. Antes disso, a litografia fora responsável por várias publicações no centro do país por influência da Europa, mais especificamente da França e Inglaterra. De acordo com Andrade (2004, p.37),

---

<sup>6</sup> A REVISTA NO BRASIL, Editora Abril, 2000, p.78.

<sup>7</sup> “A litografia baseia-se na repulsão que a água tem pela gordura e vice-versa. Numa pedra calcária, o desenho é feito por lápis gorduroso (o chamado crayon litográfico) ou tinta, também gordurosa, aplicada a pincel ou caneta. Uma solução ácida fixa a gordura à pedra. A impressão é planográfica, realizada numa prensa litográfica que, assim como a prensa calcográfica, se compõe de uma cama com movimentos de vai-e-vem, onde se coloca a pedra. Sobre a pedra entintada é colocado o papel, bem liso, a receber impressão e, por cima, um cartão de proteção” (ANDRADE, 2004, p.83).



... a partir da década de 1830 – graças ao aperfeiçoamento da litografia e à sua adoção por importantes pintores, especialmente em Paris, surge um novo gênero de imprensa ilustrada, satírica, repleta de charges e caricaturas, que se inicia com a publicação, por Philippon, de *Caricature* (Paris, 1830), seguido de *Le Charivari* (Paris, 1832) e *Punch* (Londres, 1841).

A França sempre foi uma referência cultural para o Brasil, influenciando diretamente em seus impressos. Dos figurinos aos vinhos, das joias aos livreiros, o modelo era sempre o francês. Para Martins, inspiração do periodismo brasileiro, as revistas francesas se constituíram em suas matrizes por excelência (2001, p.77).

Pelotas sempre se manteve atenta ao que acontecia nos grandes centros. Segundo Magalhães (1993), “navios que levavam charque para o Rio de Janeiro, para a Europa e Estados Unidos, não haveriam de voltar vazios”. Conforme o autor, os charqueadores

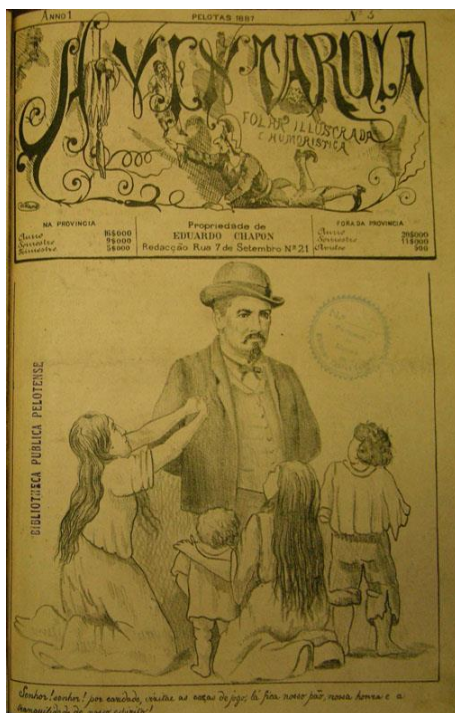
... mantinham agentes comerciais nos diferentes portos, e de torna-  
viagem esses navios vinham carregados de mantimentos, móveis,  
louças, quadros, modas, livros, figurinos e magazines de grandes  
centros. Proporcionavam um contato permanente com as  
civilizações do século XIX (1993, p.137).

Dentre os jornais ilustrados e humorísticos de Pelotas podem ser citados: o *Cabrion*, fundado em 1879, *Zé Povinho* em 1883 e a *A Ventarola*, fundada em 1887. Estas publicações foram lançadas, praticamente, uma década após as edições de São Paulo e do Rio de Janeiro, considerando-se que entre as primeiras edições humorísticas, da então capital do país, encontram-se *A vida fluminense* (1868), *O lobishomem* (1870) e *O Besouro* (1878).

A imprensa ilustrada em Pelotas já trazia, em um dos títulos, a *marca francesa*. O nome *Cabrion* é uma referência a um pintor travesso, que tirava o sono de *Pipelet*, personagens do folhetim *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue (MEYER citado por MARTINS, 2001, p.78). Por sua vez, *Cabrion*, possivelmente surgiu como alusão ao *Cabrião* paulista, lançado em 1866.

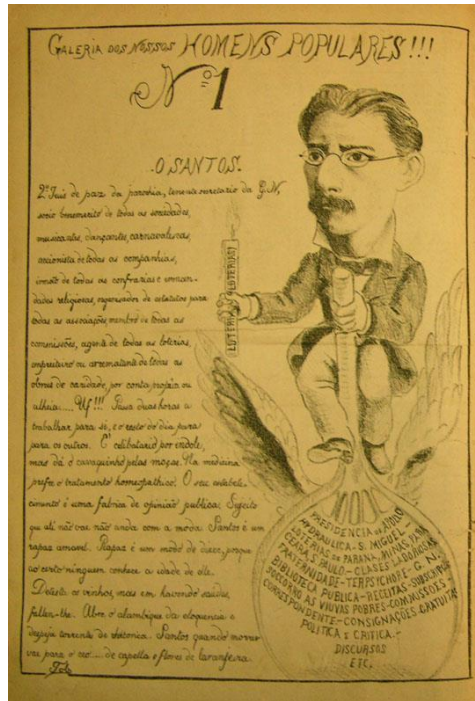
## A influência do “outro” no extremo sul do Brasil: uma análise semiótica da cidade...

Em Pelotas, estes jornais mantinham a mesma configuração gráfica e o mesmo tipo de estruturação textual, em comparação aos de igual teor do centro do país que, por sua vez, seguiam o mesmo padrão de seus semelhantes europeus. Andrade (2004) nos diz que os ilustradores mais geniais deste período, principalmente no eixo de Rio de Janeiro e São Paulo, eram estrangeiros, que já chegavam ao Brasil com a devida formação e com o respectivo saber para desenvolverem suas atividades profissionais.



**Figura 2:** A *Ventarola*, folha ilustrada e humorística. Capa da edição de número 3, de 1887 (Pelotas), de propriedade de Eduardo Chapon. Com o advento da litografia, Pelotas passou a editar este estilo de publicação, fortemente opinativas e bem-humoradas.

(Fonte: Bibliotheca Pública Pelotense)



**Figura 3:** Página interna da folha ilustrada e humorística *A Ventarola*.  
(Fonte: Bibliotheca Pública Pelotense)

A arte, o desenho através da litografia, trouxe à superfície o mundo da vida cotidiana, e este estilo de jornal, com a incorporação de novos elementos, tornou-se, então, o expoente da visibilidade do humor satírico. Uma das primeiras publicações brasileiras a utilizar o desenho foi lançada em 1837, pelo conde *Jules de Villeneuve*: a revista *Museo Universal*. “Devaneador, *Villeneuve* queria que, lendo *Museo Universal*, o Brasil folheasse o mundo”<sup>8</sup>.

O suporte do jornal, como divulgador da arte e dos acontecimentos da vida cotidiana, apresentava-se com uma nova moldura enunciativa:

<sup>8</sup> A REVISTA NO BRASIL, Editora Abril, 2000, p.67.

modos e mundos, numa revolução da mídia impressa, que passava pela paginação, diagramação e pelos padrões de impressão. Uma forma de comunicar diferente e, portanto, de persuadir. Em relação aos regimes de visibilidade, proposto por Landowski (1992), este tipo de jornal seria regido por um “querer ser visto”. As estratégias relativas ao novo formato gráfico, o uso de ilustrações e a forma de mostrar o cotidiano com um discurso fundado no humor político, caracterizam a *ostentação*.

Tudo era excesso. Da capa às páginas internas; da logomarca ao tipo de letra utilizada – manuscrita – de difícil legibilidade. Porém, isso é que dava sentido, do visual ao humor satírico. A não uniformidade da letra é parte de um fazer do próprio artista-editor, o destinador. O tema, o humor, *solicita* um tipo gráfico que acompanhe a ilustração – o sentido vem do todo da página e não se compõem em fragmentos. É isso que, em um primeiro momento, faz com que o jornal seja visto. Um procedimento de *captação*, utilizando um termo de Landowski (1996), da garantia de sua visibilidade. Provavelmente, se o tipo gráfico fosse romano, o sentido não seria o mesmo. Em termos técnicos, é devido às limitações gráficas que essa junção – texto e imagem – era feita de forma artesanal, pela própria mão do artista, direto na pedra, com lápis ou *crayon* litográficos.

A logomarca da *A Ventarola* (Fig.2) é excesso puro. O tipo gráfico ornado, estilo rococó, tem *raízes* na revista, e a primeira letra do nome é uma espécie de *porta chapéu*, em que se encontra pendurado um chapéu de *bobo da Corte*. No primeiro plano, o próprio bobo, o *bufão*, personagem cômico, de natureza truanesca e, no plano de fundo, *cenar* da vida cotidiana: um homem de bengala, as sombras de uma mulher e de um animal, um burro. No plano inferior da capa, a figura de um homem *do poder*, com crianças em situação de penúria ao seu redor, figurativizam temas, como problemas sociais e políticos existentes no cotidiano da cidade que, em relação com a legenda, marcam o caráter burlesco e caricatural deste tipo de publicação em forma de charge.

A partir do final do século XIX, no período denominado *Belle Époque*, a imprensa sofreu remodelações. De acordo com Needell,

A participação dos literatos na cultura da *Belle Époque* ocorria, principalmente, no jornalismo em expansão e nas revistas elegantes, típicas do *fin-de-siècle*. Se, após 1870, a expansão demográfica e a riqueza do Rio haviam ajudado a tornar possível a imprensa popular da década de 1880, o período de 1898-1914 trouxe ainda mais sofisticação e tecnologia para enfrentar a crescente competição pelo mercado, cada vez maior, dos setores médios da elite... (1993, p.230).

Segundo o mesmo autor, o interesse de literatos que publicavam nos periódicos do *Fin-de-Siècle* era a renda e a própria oportunidade de publicação. Por isso, tinham grande dependência do público leitor que, em grande parte, constituía-se de mulheres da elite, dos setores médios que imitavam a elite, e por um contingente masculino de estudantes, literatos e aspirantes a literatos, enfim, de pessoas com disponibilidade de tempo, dinheiro e interesse em manter-se atualizado e obter maior cultura.

No século XIX, Pelotas contava com uma intensa movimentação gráfica. Além de inúmeros jornais e revistas, eram impressos, também, almanaques. E, dentre estes, havia o *Almanach Popular Brasileiro* (Fig.4), editado entre os anos 1894-1906 e organizado por Echenique & Irmão, proprietários de umas das mais respeitadas livrarias da cidade, a *Universal*, fundada em 1887. Na verdade, esta livraria surgiu como forte concorrente da *Livraria Americana*, de Carlos Pinto & Cia., estabelecida em Pelotas no ano de 1875 e, tal como Echenique, com filiais em Porto Alegre e Rio Grande.



**Figura 4:** Capa e contracapa do *Almanach Popular Brasileiro*, de 1898, impressão e edição da *Livraria Universal*, dos Editores Echenique & irmão, Pelotas.

Na frente, o texto: “Ornado de gravuras e enriquecido com grande número de informações de utilidade pública e uma escolhida parte recreativa”.

No detalhe da contracapa, a impressão a vapor é destacada.

(Fonte: Acervo Eduardo Arriada)

Os almanques eram instrumentos acessíveis de leitura e socialização. Brotel caracteriza-os como

Frequentemente enciclopédico e vetor de progresso, o almanaque oferece, com efeito, receitas práticas de aula (de história nacional ou de ciências), úteis ou necessárias para a vida cotidiana dos indivíduos – sem esquecer seus aspectos recreativos –, ou para construção de laços comunitários. Neste sentido, o almanaque é testemunho, até hoje, de evoluções próprias ao Brasil, que acompanhou ou favoreceu (2001, p.18).

No início do século xx, mais precisamente em 1913, foi lançado o *Almanach de Pelotas*, tendo como diretor Florentino Paradedda. O almanaque divulgava variedades, publicidade, lista de classificados da cidade, propagandas de casas comerciais, personagens, personalidades, vida social, informações e calendário. Ao se instalarem como fontes de informação e entretenimento, os almanaques também desenvolveram hábitos de leitura, recuperando espaços em que oposições, como desqualificação/qualificação do material impresso; valorização/desvalorização de espaços de leitura, de maneiras de ler e de se informar se (re)configuraram.

Na materialidade do *Almanach de Pelotas*, mais precisamente quanto à qualidade do papel, é utilizado, em grande parte da edição, papel de baixa gramatura e porosidade. As fotografias aparecem em página à parte, incorporadas no meio da publicação. Na capa, o papel é encerado, também de baixa gramatura (em torno de 75 g/m<sup>2</sup>), muito semelhante ao papel *couché*.

Em relação ao grafismo, excluindo os anúncios, nota-se a predominância de uma *horizontalidade*, em oposição à verticalidade do jornal. O tamanho do almanaque é de 13 x 19 cm, e os tipos gráficos, utilizados em sua maior parte, são romanos, com serifas bem definidas – um contraste leve entre os traços grossos e finos – e o espaçamento entrelinhas é simples.

No início do *Almanach de Pelotas*, uma página é destinada à fotografia de uma figura considerada *importante* no cenário pelotense, geralmente “barões”, coronéis, médicos ou outras personalidades. Cobrindo a fotografia, há uma página de folha vegetal, numa reverência a quem mereceu destaque. Logo a seguir, um artigo relata trechos de sua história. No final do almanaque, estão relacionados os indicadores, uma espécie de páginas amarelas das listas telefônicas, muito utilizadas até o início do século xxi. No exemplar relativo ao ano de 1925 encontram-se nomes de autoridades federais, estaduais e municipais. Dentre as autoridades municipais, são destacados o Intendente Augusto Simões Lopes, o Presidente do Conselho Municipal, Manoel Luis Osorio, juizes, escrivãos, entre outros. Havia, também, endereços e nomes de

proprietários de alfaiatarias, cartórios, cocheiras, chapelarias, companhias de navegação, casas de moda, escolas de curso superior, como a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Pelotas, Faculdade de Direito, Escola de Agronomia e Veterinária, Conservatório de Música, fábrica de móveis, importadores e exportadores, enfim, uma listagem completa dos serviços oferecidos em Pelotas.

O estilo e modo de vida na cidade, bem como as transformações que nela ocorriam, eram mostrados através dos anúncios, crônicas, artigos e, até, em poemas e calendários.

Na capa do *Almanach de Pelotas* de 1926 (Fig.5) já se constata o uso da litografia colorida, numa qualidade gráfica surpreendente, à época, para Pelotas. Nela, nota-se uma estruturação diferente, se relacionada às outras capas do almanaque em questão, a que se teve acesso: a incorporação de uma propaganda.

À esquerda da capa, em plano central, uma figura feminina, seminua, tendo ao lado um vaso de flores. Ela está encostada em uma coluna romana, localizada no plano esquerdo da capa, e apoia-se em um objeto que se encontra no plano inferior, em que se lê: “Visite o BA-TA-CLAN – bilhares, café e bar”. Neste mesmo plano, vê-se a imagem do interior de um café. Nele, homens jogam snooker, tomam champanhe, escutam música. É no jogo de cores, traduzidas em quentes e frias, que o espetáculo se revela no enunciado. Na sua expressividade, o vermelho, quente e claro, em relação ao azul, destaca-se no espaço central da capa em que a mulher anuncia a chegada de um novo ano, de um novo tempo do almanaque e, da mesma forma, do “Bataclan”. Uma irreverência, uma inovação, que desencadeia mais de um tipo de leitura da imagem. A figura da mulher, no todo da capa, pode ser considerada, então, como um conector de isotopia.





**Figura 5:** Capa do *Almanach de Pelotas*, 1926.

(Fonte: Laboratório de Acervo Digital/Acervo Nelson Nobre Magalhães/UCPel)

No número seguinte, no ano de 1927, novamente são referidas as transformações no espaço urbano da cidade.

Grato é aos pelotenses constatar que a sua linda cidade, no decorrer do anno a expirar, não estacionou, não se deteve, afirmando o tradicional espírito de iniciativa e de trabalho dos seus filhos e sua colaboração em todos os surtos de progresso.

No transcurso de 1926, para citar, por agora, os empreendimentos particulares, vimos proseguirem as obras de um grande hotel que, além de preencher lacuna sensível, que nos apontavam forasteiros,

veiu erguer, no coração da Cidade, magestoso edifício, o qual pelo seu custo, atesta a decisão, a força de vontade, senão o amor que por esta terra sempre demonstrou um núcleo de individualidades representativas da sociedade.

Fazendo “pendant” com essa magnífica construção, encetaram-se as obras do palacete para o “Banco da Província”, edificação que será não menos sumptuosa e que não menor concurso trará à beleza de Pelotas, encravada, como vae ficar, na nossa mais formosa praça, a um canto da principal artéria.

Concluiu-se e inaugurou-se, ainda, uma nova casa de diversões, o “Theatro Appolo”, que veio servir vasta e prospera zona, e o seu proprietário já se preparava para fazer erguer outro edifício de tal natureza – “Theatro Avenida”, na Avenida Bento Gonçalves, cogitando construir, ainda, outro servindo arrabaldes populosos como são os da Avenida 20 de setembro, Parque e Fragata, em cujas cercanias, em bem delineadas “villas”, multiplicaram-se, durante o anno, habitações dos mais variegados e pitorescos estylos, e nas quaes se domiciliaram centenaes de pessoas, emigradas do centro pela assorbebante elevação dos alugueis.

Identico argumento na construção predial se verificou nas ruas e estradas que vão dar ás Três Vendas, para onde avançaram muito os trilhos da “Light and Power”, valorisando prédios, chacaras e terras.

É certo que, desde que se desenvolvam as linhas dessa Companhia, serindo outras zonas e arrabaldes, paralelamente se propagarão as construcções, com mutuas vantagens para suas populações e a Light.

Notavel, tambem, foi o numero de predios levantados durante o anno no perimetro urbano e em grande parte bellos e confortaveis, dando ás vias publicas, com as suas lindas fachadas e correctas linhas, o encanto das cidades modernas.

Novas fabricas tambem foram erguidas, indicando suas alterosas chaminés, aos que aqui aportam, promissoras possibilidades industriaes. Dentre ellas destacaremos o “Moinho Pelotense” (1927, p.172).

A configuração discursiva dos dois textos aqui colocados, transcritos do *Almanach de Pelotas*, refere-se à civilidade, tendo como núcleo comum o progresso, com diversas variantes temáticas, como entretenimento, transporte, urbanização e outros. Estes temas podem ser figurativizados como teatros, trilhos, construções prediais. Nesta combinação de temas e figuras recuperadas no texto, é materializada uma visão de mundo, uma formação discursiva. De acordo com Fiorin, “é com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos” (1998, p.32).

Conforme Martins, os almanaques converteram-se em estratégia de vendas de revistas, seu instrumento de propaganda, beneficiando-se, ambos, em reciprocidade (2001, p.239).

Nas primeiras décadas do século xx, surgiram duas revistas em Pelotas: a *Ilustração Pelotense* (1919) e a *Actualidades* (1926). A revista *Actualidades* foi lançada no dia 3 de abril de 1926 e permaneceu em circulação por dois anos, tendo como diretor e proprietário Garcia Berisso. Ela “aparecia aos sabbados”, uma chamada que se destaca ao centro da logomarca da revista. De seu editorial extraiu-se:

Aspirando ocupar um modesto lugar na imprensa Pelotense, apresento ao inteligente povo gaúcho a “Actualidades”.

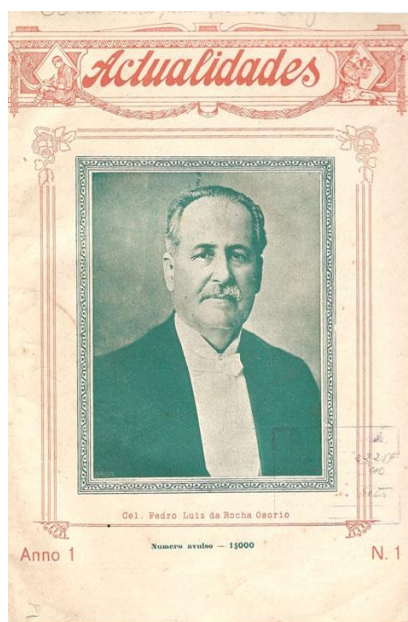
Não se trata, como verificareis, de uma obra de luxuosidade magestade, é apenas uma pequena publicação semanal, em a qual empregarei o melhor do meu esforço para que encontreis algo que vos agrade.

Não é meu intento aqui molestar vossa valiosa atenção, ennumerando-vos o programa desta modesta publicação; basta dizer-vos que a mesma procurará o desdobramento de tudo aquillo que sintetizar progresso, tanto nas artes como nas letras, nas industrias e no commercio...

Caracterizava-se como uma revista artística e literária, em que se encontravam contos, poemas, artigos, pequenas notícias sociais da cidade, além dos inúmeros anúncios, dentre eles de sapatos, elixires, companhia de seguros terrestres, marítimos e ferroviários, bancos, automóveis, etc.

Diferentemente dos almanaques, os anúncios desta revista assemelhavam-se aos atuais “classificados”, dispostos verticalmente em pequenos boxes.

A revista apresentava um formato grande (21,5 x 30 cm) e o papel utilizado na capa era encerado, de baixa gramatura. O uso de fotografias na *Actualidades* é constante, caracterizando-se como um artifício a mais para manipular seus destinatários. Em sua primeira edição, a capa estampava a figura do pelotense Cel. Pedro Luiz da Rocha Osório.



**Figura 6:** Capa da revista *Actualidades*, referente ao 1º número, de 3 de abril de 1926.  
(Fonte: Acervo Eduardo Arriada).

Sua diagramação utilizava frisos, molduras e vinhetas *art-nouveau*, estilo influenciado pelo movimento *arts and crafts* que, no final do século

xix, numa oposição à industrialização, começou um movimento em favor do artesanato, inspirando-se em formas naturais.

A revista procurava manter-se em consonância com os acontecimentos que marcaram a *Belle Époque*. Divulgava as conquistas dos homens de negócio, estampando-lhes a foto na capa ou em uma de suas páginas, como o retrato do Coronel Pedro Osório (capa da edição), figura de destaque na cidade, qualificando seus empreendimentos, festas, viagens e outros envolvimento pessoais.

O segmento da imprensa, das tecnologias gráficas, foi privilegiado pelas inovações técnicas que marcaram a virada do século. Em Pelotas, estas transformações puderam ser constatadas com o surgimento da ilustração nos jornais ou folhas, desde o advento da litografia e, em oposição, à forma artesanal como eram feitas as ilustrações. Tais transformações foram tão expressivas que, efetivamente, interferiram no cotidiano da cidade. Interferências tanto de ordem política como no ideário da modernidade, anunciada pelos centros europeus e pelo centro do país.

Grande parte dos editores, dos livreiros da capital do Império e da República, o Rio de Janeiro, era de origem francesa. Em suas lojas, produziam obras e periódicos franceses, da mesma forma como promoviam o estilo francês nos periódicos cariocas, através do formato, ilustrações e conteúdo (NEDELL, 1993, p.231). Tomando por base a tese de que o centro cultural e fomentador de tendências editoriais e gráficas em Pelotas era alicerçado pelo que ocorria no centro do país, é possível dizer que a influência maior no estilo gráfico pelotense provém da França, não diretamente dela, mas via capital da República do Brasil.

De acordo com Sodré (1966, p.1), a “história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”. A difusão impressa exerceu um poder sobre o comportamento das massas e dos indivíduos em uma relação dialética, consistindo uma tendência à unidade e à uniformidade.

Em que pese tudo o que depende de barreiras nacionais, de barreiras lingüísticas, de barreiras culturais, - como a imprensa tem sido governada, em suas operações, pelas regras gerais da ordem capitalista, particularmente em suas técnicas de produção e de circulação – tudo conduz à uniformidade, pela universalização de valores éticos e culturais, como pela padronização de comportamento. As inovações técnicas, em busca da mais ampla divulgação, acompanham e influem na tendência à uniformidade. É interessante verificar o paralelismo entre o esforço técnico de produção na imprensa, e o progresso dos meios de comunicação e de transporte, afetando o problema fundamental da grande imprensa, que é o do volume e espaço geográfico em que a notícia, ou a informação, ou a doutrinação tem oportunidade (1966, p.2).

Na incorporação de elementos novos à cultura local, os pelotenses queriam ser como o outro, renunciando valores *ultrapassados*, obtusos e, desta forma, assimilando a noção de civilização à de progresso. No discurso de modernidade, próprio da *Belle Époque*, a imprensa teve um papel importante, que manipulou, seduziu e tentou. Com a incorporação de valores novos, estilos e tendências, a elite adaptou seu espaço (na moda, no urbano, na imprensa) recriando-o.

A palavra era civilização, a moda, o progresso. Landowski em seu livro *Presenças do Outro*, trabalha dois níveis possíveis de apreensão da mudança através da moda: “... aquelas, figurativas, dos objetos, ou aquelas mais abstratas, dos programas de comportamento” (2002, p.123). Considerando o discurso do progresso, da modernidade como *moda*, num sentido de apreensão da mudança *mais abstrata*, concorda-se com Landowski quando acrescenta: “... a moda faz mudar os próprios *sujeitos*, pois na medida em que a seguimos, adotamos novos pontos de vista sobre os objetos e sobre as coisas e, finalmente, sobre nós mesmos” (2002, p.123), embora, ainda de acordo com o autor, essas duas possibilidades da mudança se impliquem.

A possibilidade de se inserir em um *novo mundo europeu* animava os detentores do poder, a elite. Valores propagados na Europa eram veiculados pela imprensa através das crônicas, notícias e anúncios. Como afirma Martins (2001, p.261): “flanar, olhar, ver e ser visto marcavam o

cotidiano de uma população ainda em busca de identidade, transitando num espetáculo de transformações”.

## Referências

- A REVISTA no Brasil. São Paulo: Editora Abril, 2000. 250p.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de Andrade. *História da fotoreportagem no Brasil*. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 281p.
- BOTREL, Jean-François. Catálogo Almanak dos Almanques. In: MEYER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p.17-18.
- BRINGHURST, Robert. *Elementos do estilo tipográfico*. (trad. de André Stolarski). São Paulo: Cosac Naify, 2005. (Tradução do original: *Elements of typographic style*). 428p.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Almanaque. In: MEYER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p.19-22.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1998. 87p. (Série Princípios).
- LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. 215p. (Coleção Estudos, n.183).
- \_\_\_\_\_. *A sociedade refletida*. Ensaios de sociosemiótica. (Trad. Eduardo Brandão). São Paulo: EDUC/Pontes, 1992. 213p. (Tradução do Original *La société réfléchie*).
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. (Trad. Bernardo Leitão). 5ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. 541p. (Tradução do Original *Storia e Memoria*).
- MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. 2ed. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas; Co-edição Livraria Mundial, 1993. 312p.
- MARRONI, Fabiane Villela. *Pelotas (re)vista: a Belle Époque da cidade através da mídia impressa*. Tese (Doutorado em Comunicação e

Semiótica), Programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e políticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – Fapesp – Imprensa Oficial do Estado, 2001. 593p.

MEYER, Marlyse (Org.). *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. 204p.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. (Trad. Celso Nogueira). São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 383p. (Tradução do Original *A tropical Belle Époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro*).

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966. 583p. (Coleção Retratos do Brasil, V.51).

#### *Almanques*

Almanach Popular Brasileiro para o anno de 1898. (5º anno). Pelotas e Porto Alegre: Echenique & Irmão – Livraria Universal, 1897.

Almanach de Pelotas. Variedades, Informações e Propaganda. XIII Anno. Direcção e Propriedade de F. Paradedá. Pelotas, 1925.

Almanach de Pelotas. Variedades, Informações e Propaganda. XIV Anno. Direcção e Propriedade de F. Paradedá. Pelotas, 1926.

Almanach de Pelotas. Variedades, Informações e Propaganda. XV Anno. Direcção e Propriedade de F. Paradedá. Pelotas, 1927.

#### *Jornais*

*A Ventarola*, N.3, 1887.

O Pelotense, ano 1, N.1, 7 de novembro de 1851.

O Pelotense, ano 3, N.183, 10 de março de 1853.

#### *Revistas*

Revista Popular, N.3, 1887.

Revista Semanal Illustrada Actualidades. Anno I, N.1. Pelotas, 3 de abril de 1926. 15p.